



COLEÇÃO
A Unesco disponibilizou em seu site oito livros sobre História Geral da África para download. Confira: <https://bit.ly/2Nc7OfS>

valorizadas. Isso possibilitaria processos democráticos de liberdade de expressão onde todo o mundo pode ser ouvido e tem suas vozes legitimadas”, afirmou Paola Prandini, co-fundadora da Afroeducação, empresa social pioneira na produção de ações estratégicas para a equidade racial brasileira.

Para ela, em sala de aula, seria muito bom se tivéssemos o nome de pessoas negras sendo tratadas não só como indivíduos que foram escravizados, mas detentoras de conhecimento e com sua relevância histórica esclarecida.

“Isso faria bem não só para a autoestima da população, mas para o combate ao racismo, para que possamos construir mentes e saberes”, afirmou. “A aplicação da lei em sala de aula - com temáticas afrobrasileiras sendo abordadas de maneira geral - e não restritas ao mês da consciência negra, como por vezes ocorre - é o primeiro passo para uma sociedade anti racista”.

DESCONTRUÇÃO

Falar sobre a questão do negro em sala de aula exige uma dose de desconstrução. No imaginário coletivo, quando se fala em África, negro é sinônimo de escravo. O senso comum omitiu (ou esqueceu!) a sua origem.

Para o professor Bruno dos Santos, que leciona história, filosofia e sociologia no Instituto São José, ao voltar os olhares - sem os óculos do “pré-conceito” - para a África, é possível ver o negro como realizador da história.

“O povo negro foi escravizado? Sim, infelizmente. Mas também foi ele quem criou idiomas próprios, organizou sistemas de escrita, sistemas numéricos de contagem do tempo, criou práticas religiosas, bem como formas de registrar e transmitir os conhecimentos que adquiriram”, afirmou. “O povo negro é, antes de tudo, um povo realizador que através dos milênios soube criar sua cultura, e, principalmente, se recriar e se reinventar enquanto povo, enquanto ser humano”.

Zumbi dos Palmares, líder do quilom-